

## O MAL MORA AO LADO: AS ENTRELINHAS DE *MÁRIO E O MÁGICO* DE THOMAS MANN

Luana Signorelli Faria da Costa<sup>1</sup>

MANN, Thomas. *Mário e o mágico*: uma experiência trágica de viagem. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

Podia ser Ilhas Maldivas, mas este paraíso é na Itália. Do alto da Torre di Venere, como se fosse uma Torre de Marfim, mas de olhos bem atentos, o escritor Thomas Mann captava o *Zeitgeist* (espírito da época) após um incidente envolvendo comentários conservadores acerca da exposição de sua filha que nadava na praia. Eis que a família Mann vai passar uma temporada de férias, especificamente entre 18 de agosto e 13 de setembro de 1926 em um balneário em Forte dei Marmi, no Mar da Ligúria, na região da Toscana. Era para ser apenas um período de relaxamento; porém, permanecendo no lugar por quase um mês, Thomas Mann percebeu a atmosfera de tempos sombrios que se aproximavam: era a ascensão da mentalidade totalitarista na Europa, o que ele pôde presenciar primeiramente na Itália, antes de voltar para a Alemanha. No ano de 1929, ele publica a novela *Mario und der Zauberer: Ein tragisches Reiseerlebnis*.

A análise de tal obra se inicia a partir de seu título. Mário é um garçom naquele ambiente turístico cuja vida muda após a chegada do prestidigitador Cesare Gabrielli, o mágico que estava hipnotizando toda uma horda de pessoas das mais variadas nacionalidades que assistiam aos seus espetáculos noturnos. Pais já começavam a perder o controle dos filhos, pessoas dançavam no palco inconscientemente, deixando-se levar pelos gatilhos. É quando Mário decide não aceitar mais aquela situação e dá um tiro no mágico, acabando com aquela brincadeira. Tal desfecho, que Thomas Mann demorou a decidir, pois se via em um impasse, foi sugestão de sua filha, Erika Mann. Ela haveria dito ao pai: “Eu não teria ficado surpresa se ele o houvesse matado com uma bala”. Embora a conjunção “e” no título possa parecer em um

---

<sup>1</sup> Pós-Doutoranda em Alteridade, Mobilidade e Tradução pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Letras/Português (Bacharelado e Licenciatura) pela UnB em 2014. E-mail: [lua.signorelli@gmail.com](mailto:lua.signorelli@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2293-6806>.

primeiro momento aditiva, ela se revela como tendo valor semântico de adversidade, provocando a tensão entre esses dois personagens.

Além disso, é importante ressaltar o caráter trágico de sua experiência que o próprio autor quis ressaltar no subtítulo. O filósofo Aristóteles em sua *Poética*, cuja escrita é datada historicamente de 335 a. C. a 323 a. C, diz que a tragédia representava seres humanos em condição superior, visando à catarse por meio do expurgo dos sentimentos, especialmente o medo e o terror. A partir do que era encenado no palco, os espectadores tendiam a sentir na pele aquela experiência como se fosse a sua, tendendo a se tornar mais simpáticos (ter o mesmo *páthos* é adotar aquele caminho para si).

Contrapondo a novela manneana à tragédia grega clássica, não há um *Deus ex machina* que aparece em aparatos tecnológicos para salvar o povo dos truques do mágico: é Mário que, em um impulso emotivo, usa uma arma para atentar contra a vida do farsante. Em se tratando dos germes fascistas, pode-se refletir até que ponto aquilo não podia ser considerado uma tragédia nacional ou mesmo internacional. A tragédia é quando estas paixões são elevadas a uma situação-limite: o que é capaz de fazer um ser humano quando movido por suas paixões? Sejam elas medo, terror, amor ou ódio? Especialmente, o ódio... E o que é capaz de fazer o ser humano com uma arma, sobretudo quando não está agindo com a sua razão? Quais são os riscos de defender uma sociedade com armas? (Em certas campanhas políticas, esse gesto foi usado como argumento de massa). E, em termos de catarse, como é que o leitor sai dignificado da experiência de leitura dessa novela? Apenas mediante muita reflexão rumo à consciência.

A edição de 2023 da editora brasileira Companhia das Letras é coordenada por Marcus Vinicius Mazzari, autor do posfácio do livro: “A hipnose do fascismo”. O livro integra uma coleção que, com esse volume, já conta com 10 publicações. A tradução é de José Marcos Macedo, tradutor com Mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã) pela Universidade de São Paulo (1997) e Doutorado (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (2007). Atualmente, é Professor Doutor da USP. Essa tradução atualiza a de Cláudio Leme, publicada pelo Círculo do Livro em 1973. A edição ainda conta com uma cronologia e com sugestões de leitura, instrumentos de extrema utilidade para ajudar a difundir a obra de um importantíssimo escritor, cuja relevância vai além do seu próprio tempo, o que pode ser considerado como um “curto-circuito entre tempo e linguagem” (Pandolfo, 2016).

A história se inicia quando a moral patriarcalista burguesa é afrontada. Elisabeth Mann tinha apenas 8 anos de idade e se banhava na praia. Contudo, em sua inocência infantil, ela jamais imaginaria que seria acusada de atentado ao pudor. Consiste em um mal-estar que vai tomando contornos grandiosos: a situação avança até se tornar um caso de intolerância. As imprecações contra uma criança evidenciam a maldade nos olhos de quem vê. Toda a situação fez com que a família mudasse de hospedagem. Foi quando souberam da nova atração do lugar: um mágico chegado à região, que estava correndo o país fazendo seus espetáculos. Trágico se não fosse cômico; cômico se não fosse trágico.

Já no início do livro (Mann, 2023, p. 18) o narrador descreve uma situação que caracteriza como um “conflito”: sente que ofenderam a “moral pública”. A filha de oito anos foi julgada por nadar nua na praia onde estavam hospedados. De acordo com ele, “as crianças patrióticas urraram”, pois um corpo feminino nu, ainda que muito jovem e sem a menor intenção, estava na praia supostamente incomodando os princípios cívicos.

Segundo o narrador, essa malta que tinha aproximadamente uns 12 anos, era a viga mestra da atmosfera pública, simbolizando um povo ferido em seu orgulho, desnudando o que estava em seus íntimos. O que começou apenas como uma sugestão sofre um processo de gradação: a mentalidade das pessoas na praia sinalizava um grau de alienação que foi usado contra elas pelo artista manipulador. Thomas Mann aproveitou a oportunidade para escrever um texto a partir de outras experiências que ele havia tido, não só trágicas, mas também motivadas pela curiosidade. Por exemplo, o autor havia frequentado, antes de 1930, sessões de ocultismo com um parapsicólogo, o Barão Albert von Schrenk-Notzing. Em *Experiências ocultas* de 1924 (Brenner, 1973), Thomas Mann estava preocupado em estudar questões como o sono. Nesse momento, o escritor se indagava como um povo tão racionalista como o alemão foi levado pelas palavras sedutoras do irmão estropeado Hitler (Mann, 1922). Afinal, por que considerá-lo tão radical e distante de si, se haviam nascido no mesmo país? Na mesma época? Ou seja, poderiam ser a mesma pessoa, poderiam até ser da mesma família.

*Mário e o mágico* é uma obra que está no meio-termo entre a narração e o drama, não só em nível individual, como o de toda uma sociedade: a corrupção se apoderava de um povo que mal estava se sustentando em suas aparências. Figura entre Benito Mussolini e Adolf Hitler, Cipolla era um tipo caricato que chamava atenção naturalmente, com facilidade, pela sua aparência, como o bigode, por exemplo. Para um autor que em sua juventude se autodenominou

“apolítico”, com isso já sendo político e adotando o ponto de vista das massas alemãs que, naquela época, defendiam o belicismo, Thomas Mann se converte ao humanismo democrata posteriormente, apoiando a República de Weimar, uma vez que percebeu o abismo para o qual a Alemanha se encaminhava com o crescimento do partido Nacional-Socialista. Mesmo um autor como ele, conservador a princípio, por causa de suas origens e de sua educação familiar, conseguiu se retratar a tempo. O escritor se justifica que era um fenômeno psicológico e patológico, sinalizado sob a pressão da guerra.

Conforme a opinião do próprio escritor, “as tendências do tempo se encontraram com minhas próprias convicções” (Mann, 1983, p. 138-139). A atualidade requer uma participação crítica e ativa cada vez maior. Apenas considerar o que é “humano” a partir de um significado científico e otimista é destituir a humanidade de seu sentido, seria como ir “contra o reconhecimento do tempo ancestral, ou seja, é a noite do inconsciente”.

Em *Mário e o mágico*, Thomas Mann foi levado por um tema que lhe chamou a atenção. A intenção original não era suscitar animosidade contra a Itália e os italianos, mas denunciar algo que, em seu tempo, não deveria ser silenciado, pois crescia como uma ameaça. O desfecho apaixonado permite o uso do adjetivo “trágico” para qualificá-lo. E, sendo assim, o que a tragédia tem a nos ensinar? Em plena era tecnocientífica, em que os jovens se interessam por vídeos de apenas segundos nas redes sociais, *Mário e o mágico* é uma novela recomendável, por ser uma obra de fácil acesso, destacando-se a sua atualidade e a riqueza para a formação dos jovens leitores. Porém, não é só aos jovens que esse livro tem para ensinar, pois todos podem extrair dela a cautela para estar atento aos acontecimentos absurdos de uma época, que podem ocasionar em barbárie.

Tudo depende de como a magia é utilizada: se para o bem ou para o mal. A magia literária de Thomas Mann orienta para o verdadeiro rumo da sociedade europeia, em tom de alerta. O ódio em *Mário e o mágico* se resolve na tensão do tiro, a partir do que Mário acredita que está alcançando a sua redenção. Acima de tudo, as obras político-literárias de Thomas Mann ensinam um grau imenso de consciência e assumem a responsabilidade de luta frente ao fascismo que estava se instaurando sub-repticiamente. Uma eleição nunca é ganha eternamente, uma mentalidade não é superada da noite para o dia: há sempre um risco latente solto no ar, que pode ser captado por aqueles que não se deixam hipnotizar.

Muitos spoilers já foram dados, mas nada substitui a experiência de leitura propriamente dita. A partir do livro, o leitor é levado a encarar problemas que não eram só de uma sociedade fascista, mas que frequentemente correm o risco de se tornarem neofascistas. Em suma, trata-se de leitura imprescindível em tempos de democracias tão frágeis e ameaçadas. Para além da fruição estética, essa obra tem o poder de viabilizar uma tomada de consciência que é motivada pela curiosidade do próprio tema. À medida em que tem contato com a obra, o leitor não fica isento de sua responsabilidade social. Pelo contrário, é convidado a praticá-la por meio de reflexões sociais as quais podem ressignificar a realidade. Afinal, como diz a frase em latim de Horácio, “*tua res agitur*”: trata-se de coisa tua. Ou seja, trata-se de coisa nossa. Ainda hoje.

### Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011 (Série Aristóteles; Clássicos Edipro).

BRENNER, Jacques. Prefácio. In: MANN, Thomas. *Mário e o mágico*. Trad. Cláudio Leme. São Paulo: Círculo do Livro, 1973 (p. 7-14).

MANN, Thomas. *Da república alemã / Irmão Hitler*. Trad. Mário Luiz Frungillo. No prelo, 1922.

\_\_\_\_\_. *Lebensabriß*. Trad. Luana Signorelli e Adolf Heinz Polansky. In: MANN, Thomas. *Über mich selbst: Autobiographische Schriften*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1983 (p. 99-146).

\_\_\_\_\_. *Unbetrachtungen eines Unpolitischen*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2001.

\_\_\_\_\_. *Mário e o mágico: uma experiência trágica de viagem*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2023 (Coleção Thomas Mann).

MAZZARI, Marcus Vinicius. A hipnose do fascismo. In: MANN, Thomas. *Mário e o mágico: uma experiência trágica de viagem*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2023 (p. 63-101).

PANDOLFO, Alexandre Costi: *Breve consideração estética sobre Mário e o mágico, de Thomas Mann*. Fascismos e Totalitarismos. [S. l.], Associação Psicanalítica de Porto Alegre, abril de 2016. Disponível em: <http://tinyurl.com/yckvkpxh>. Acesso em: 18 de maio de 2024.

**Data de submissão:** 19/05/2024

**Data de aceite:** 06/03/2025